

Inchaço veta novas metas

Gildo Villadino, membro do Conselho de Educação do DF e primeiro diretor do Centro Educacional Elefante Branco, inaugurado em fevereiro de 1961, afirma que a grande dificuldade em que esbarrou o projeto inicial, de Anísio Teixeira, foi o acompanhamento do crescimento demográfico do DF, com a explosão das cidades-satélites: "O projeto era perfeito para o Plano Piloto, mas não se podia prever tão grande aumento populacional nas décadas de 60 e 70".

Além disso, Villadino diz que o ensino público não conseguiu acompanhar a evolução das aspirações dos pais de alunos que não se mostravam mais satisfeitos com um ensino profissionalizante que, de alguma forma, não conseguiu formar profissionais realmente capacitados, Villadi-

no diz que os pais estavam mais preocupados em investir em uma universidade. A Lei nº 5.692, de 1971, que determinava a obrigatoriedade do ensino profissionalizante em todas as escolas de iniciativa privada e da rede oficial, foi, segundo Villadino, uma das causas da "migração" de alunos das escolas públicas, para a rede particular: "Enquanto a rede oficial levava seus alunos ao laboratório de eletrônica, para juntar fios e fabricar um rádio, na escola particular os alunos aprendiam a fundo teorias sobre transistores e válvulas".

Com o advento da Lei nº 7.044, de 1982, que desobrigava a manutenção do ensino profissionalizante, a educação se voltava para o trabalho, visando preferencialmente à escalada rumo à universidade. Segundo Villadino, poucas escolas conseguiram acompanhar essa mudança, entre eles, o Centro Educacional Setor Leste, na 612 Sul, e o C.E. Setor Oeste, 912 Sul.